

CORREIO POLÍTICO

POR RUDOLFO LAGO

Valter Campanato/Agência Brasil



Doria segue à frente de eventos empresariais

A coluna errou sobre Doria empresário

A coluna desta segunda-feira (5) que falava sobre o destino político do ex-governador João Doria acabou gerando repercussão, mas também algumas observações, com as quais este colunista acabou concordando. Ao analisar o destino político do ex-governador de São Paulo João Doria, o Correio Político errou na avaliação quanto à sua relevância empresarial. Um erro, por-

que, realmente, os fatos contrariam tal análise. O erro consistiu em dizer que nem mesmo os eventos empresariais que fazia antes de se projetar politicamente Doria hoje faz. Essa sentença realmente não condiz com os fatos. Doria continua realizando eventos empresariais importantes, no Brasil e no exterior. Realizou alguns, inclusive, recentemente. Isso não parou.

Política

O que ele fez, no momento, foi sair da vida política e partidária. Por aí, as avaliações que a coluna ouviu de pessoas do campo governista quanto aos temores do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), para não ter destino parecido, fazem sentido.

Empresarial

Mas, do ponto de vista da liderança empresarial, não fazem. E desse erro o Correio Político se penitencia, e pede desculpas aos leitores. Doria continua à frente do Lide, o grupo de líderes empresariais, e realizou eventos em Brasília e outros lugares recentemente.



Com Paulo Octavio e Kassab, em evento do Lide

Evento em Brasília reuniu políticos como Kassab

Na semana passada mesmo, Doria esteve no 3o Brasília Summit, que reuniu outros líderes políticos, como o secretário de Governo de São Paulo e presidente do PSD, Gilberto Kassab. O que de fato houve com Doria foi o recuo das suas pretensões políticas. Após a projeção durante a pandemia de covid-19, Doria imaginou

que conseguiria obter o comando do PSDB, que era o seu partido. Entrou numa disputa com o deputado Aécio Neves (MG) pelo comando. Venceu um confuso processo de prévias que não se concretizou. Imaginava ser guindado à Presidência da República, e não foi. Dos projetos políticos e partidários, submergiu.

Tarcísio

É o temor de destino igual no campo político que Tarcísio de Freitas, segundo apostam as fontes governistas, temeria. Tarcísio só entraria no páreo, apostam, se conseguisse construir uma unidade em torno de si dos grupos à direita para evitar desgastes e brigas.

Brigas

As brigas que Doria teve no campo político dentro do PSDB é que seriam o exemplo a não ser seguido. É por conta disso que nesta terça-feira (6) Tarcísio voltou a dizer que a discussão em torno de ser ou não candidato seria "prematuro". Justamente para evitar pressões.

Risco

No caso, o risco temido é que qualquer precipitação acabe galvanizando oposições à sua pretensão. O que poderia levar Tarcísio a um caminho sem volta: sair à Presidência sem a unidade necessária e sem a chance de um recuo rumo à reeleição.

Erro

Essa, portanto, a análise mais correta, corrigindo o que se disse na segunda-feira. Esta coluna não tem compromisso com o erro. E, evidentemente, não irá brigar com as evidências e tudo aquilo que se verifica de fato sobre qualquer personagem da política.

Lula e Trump conversam e irão se encontrar

Presidente pediu que governo do EUA revogue tarifas

Por Gabriela Gallo

Após o encontro rápido que tiveram durante a Assembleia Geral da ONU, os presidentes do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), e dos Estados Unidos da América (EUA), Donald Trump (Republicano), fizeram nesta segunda-feira (6) uma conversa por videoconferência. De acordo com o Palácio do Planalto, os chefes de Estado, conversaram durante 30 minutos "em tom amistoso". Dentre os principais tópicos da conversa, Lula solicitou a retirada da sobretaxa de 50% "imposta a produtos nacionais e das medidas restritivas aplicadas contra autoridades brasileiras".

Após a conversa, o presidente dos EUA disse à imprensa local que gostou da conversa com Lula e o considera "um bom homem" e que, eventualmente, ambos se encontrarão novamente em um futuro próximo.

"Esta manhã, tive uma ótima conversa telefônica com o Presidente Lula, do Brasil. Discutimos muitas coisas, mas o foco principal foi na Economia e no Comércio entre nossos dois países. Teremos mais discussões e nos encontraremos em um futuro não muito distante, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Gostei muito da ligação — Nossos países irão se dar muito bem juntos!", manifestou Trump em sua rede social, "Truth Social".

Durante a conversa entre os chefes de Estado, o presidente estadunidense designou o secretário de Estado, Marco Rubio, para dar sequência às negociações com o vice-presidente e ministro da Indústria e Comércio do Brasil, Geraldo Alckmin (PSB), o ministro de Relações Exteriores, Mauro Vieira, e o ministro da Fazenda, Fernando Haddad.

Em entrevista horas após a ligação, Lula comunicou que pediu que Marco Rubio negociasse "sem preconceitos" com o Brasil. "[Trump] disse que o Marco Rubio vai conversar com o pes-



Trump classificou como "muito boa" a conversa que teve com Lula

soal [Alckmin, Mauro Vieira e Haddad]. Eu pedi para ele dizer ao Marco Rúbio para conversar com o Brasil sem preconceito, porque, pelas entrevistas que ele deu, há um certo desconhecimento sobre o Brasil", disse Lula em entrevista à TV Mirante.

Apesar da cordialidade com Lula, Donald Trump não se comprometeu em nenhum momento a revogar as medidas impostas contra o Brasil, mas se mostrou aberto para novas conversas e negociações entre os países. Além disso, considerando que Marco Rubio representa uma ala mais ideológica do governo de Trump, as negociações com o secretário de Estado e os representantes brasileiros também podem apresentar atritos.

Tarifaço

Apesar de ainda não terem uma resposta concreta para a possível revogação das taxas sobre exportações brasileiras, Geraldo Alckmin disse que está "otimista" de que negociações entre os países trarão resultados positivos ao Brasil.

"Foi muito boa a conversa, melhor do que esperávamos. Es-

tamos muito otimistas que vamos avançar. Lula apresentou a disposição do Brasil para o diálogo e a negociação. Reiterou que, entre os países do G20, só com três os Estados Unidos têm superávit: o Reino Unido, a Austrália e o Brasil. Não há nenhuma razão de ter uma tarifa extra para o Brasil. Acho que foi uma reunião extremamente positiva", afirmou Alckmin para a imprensa nesta segunda-feira.

Bastidores da conversa apontam que o Lula e Trump não citaram o nome do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), tampouco o julgamento no Supremo Tribunal Federal (STF) — que o condenou a 27 anos e três meses de prisão por tentativa de golpe de Estado. Ao anunciar as tarifas contra produtos brasileiros em sua política monetária protecionista, Donald Trump citou a julgamento de Bolsonaro no STF como um dos motivos das novas tarifas aplicadas contra o Brasil, classificando o processo judicial como uma "caça às bruxas".

Repercussão

Apesar de ter sido a primeira conversa entre os presidentes, a ligação entre Lula e Trump gerou

repercussões, tanto na economia quanto na política. Na economia, o dólar comercial encerrou esta segunda-feira com uma queda de R\$ 0,025 (-0,47%), fechando em R\$ 5,311. A cotação iniciou o dia em R\$ 5,35, mas recuou ainda na primeira hora de negociações.

Na política, o presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB), manifestou em suas redes sociais que ficou "feliz em ver que o diálogo e a diplomacia estão prevalecendo entre Brasil e EUA".

"Quando o respeito e a conversa franca guiam nossas relações, todos saem ganhando. A Câmara segue atenta e pronta para trabalhar pelos interesses nacionais", escreveu Motta.

Também nas redes sociais, o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP), por outro lado, disse que "a esquerda sabe que [a conversa] não foi uma vitória". Filho do ex-presidente Jair Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro está morando nos Estados Unidos desde março e, desde então, é apontado como uma dos principais articuladores nas sanções contra dos EUA contra o Brasil.

Dino marca para novembro julgamento do núcleo militar

Fabio Rodrigues-Pozzebom/ Agência Brasil

Da Redação

O ministro Flávio Dino, presidente da Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal (STF), marcou para o dia 11 de novembro o início do julgamento do núcleo militar da trama golpista de 2022.

O caso será analisado pelos ministros do Supremo em sessões nos dias 11, 12, 18 e 19 de novembro.

A inclusão na pauta ocorre após todas as defesas apresentarem suas alegações finais no processo.

O núcleo dos militares da trama golpista é composto, em sua maioria, por oficiais do Exército com formação nas Forças Especiais — os chamados "kids pretos". São dez réus que respondem pelos crimes contra a democracia.

Em setembro, a Primeira Turma do STF condenou o chamado "núcleo crucial", que inclui, de acordo com a acusação, os artífices da tentativa de golpe. Esse primeiro núcleo inclui o ex-presidente Jair Bolsonaro, que foi condenado a 27 anos e três meses em regime fechado. Os réus do "núcleo crucial" foram condenados por quatro votos a um (Luiz Fux votou pela absolvição).



Flávio Dino é quem agora preside a Primeira Turma do STF

No caso do "núcleo militar", o procurador-geral Paulo Gonet pediu a redução da acusação contra somente um dos réus. Para ele, não há provas suficientes contra Ronald Ferreira De Araújo Júnior e, por isso, o militar deve ser julgado por incitação ao crime, e não mais pelos cinco tipos penais apontados contra os demais acusados da trama golpista de 2022.

A PGR destaca uma peculiaridade na situação do militar.

"Diferentemente dos demais acusados, não foram reunidos elementos adicionais sobre uma vinculação aprofundada do réu com a organização criminosa. As provas indicam que Ronald Ferreira não esteve presente na reunião de 28.11.2022, tampouco acompanhou os passos subsequentes do grupo", diz Gonet nas alegações finais.

O encontro teria sido feito no salão de festas do prédio em que morava o coronel Márcio Nunes

de Resende Júnior, em Brasília, para elaborar estratégias para pressionar os chefes militares a apoiarem um golpe de Estado. Era a data que marcava o início das reuniões do Alto Comando do Exército naquela semana, quando a cúpula da Força se encontrava na capital federal.

Dessa forma, a PGR pediu a desclassificação da conduta dele para incitação ao crime, na forma equiparada pela animosidade das Forças Armadas contra os Poderes Constitucionais. Além disso, Gonet sugeriu que ele tivesse a faculdade de negociar benefícios penais pertinentes.

São réus nesse núcleo Bernardo Romão Correa Neto (coronel da reserva), Estevam Theophilo (geral da reserva), Fabrício Moreira de Bastos (coronel), Hélio Ferreira Lima (tenente-coronel), Márcio Nunes de Resende Júnior (coronel da reserva), Rafael Martins de Oliveira (tenente-coronel), Rodrigo Bezerra de Azevedo (tenente-coronel), Ronald Ferreira de Araújo Júnior (tenente-coronel), Sérgio Ricardo Cavaliere (tenente-coronel da reserva) e Wladimir Matos Soares (policial federal).

Com informações de César Feitoza (Folhapress)